

CORPO E BELEZA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS EM ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Liege Monique Filgueiras da Silva
Karenine de Oliveira Porpino

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo analisar a concepção de beleza dos estudantes concluintes de Educação Física; identificando elementos, ações, conceitos e experiências que influenciaram a construção desta concepção em seus discursos. Com base na Análise do Discurso, as concepções encontradas apresentaram uma perspectiva não-linear de compreender a beleza tendo a graduação como espaço significativo de constituição de modos diversos de percebê-la. A partir dessas referências refletimos sobre a Educação Física como área de conhecimento capaz de discutir sentidos diversos para o corpo e a beleza tendo no diálogo, na leitura e na vivência corporal elementos importantes de sua ação.

Palavras-chave: Corpo. Beleza. Educação Física.

ABSTRACT

This study aimed to examine the concept of beauty of students who are finishing the Physical Education course; identifies issues, actions, concepts and experiences that influenced the construction of this design in their speeches. Based on the analysis of discourse, the concepts that we found, show us a non-linear perspective to understand the beauty and the graduation as a significant building in various ways to understand it. From these references we reflected on the Physical Education area of knowledge and able to discuss various ways for the body and beauty.

Key words: Body. Beauty. Physical Education.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo examinar el concepto de la belleza de Estudiantes concluintes de Educación Física, identificando elementos, acciones, conceptos y experiencias que influyeron en la construcción de esta concepción en sus discursos. Basado en el análisis de discurso, los conceptos han encontrado una perspectiva no-lineal para comprender la belleza teniendo la graduación como un espacio importante para establecer varias formas de entenderlos. Frente de estas referencias reflexionamos sobre la Educación Física como área de conocimiento capaz de discutir varias direcciones para el cuerpo y la belleza.

Palabras clave: Cuerpo. Belleza. Educación Física.

Á PROCURA DO CORPO E DA BELEZA

Pensar em beleza nos remete a um conceito clássico, o apolíneo, representado pelo deus Apolo, símbolo ideal de beleza grego, marcado pela medida, simetria,

proporção e harmonia das formas de um modelo corporal enquadrado em predefinições absolutas e perfeita, reduzindo os múltiplos corpos e suas singularidades em função da exaltação apreensiva e impositiva de um único modelo de beleza.

Compreendemos que a concepção de beleza está geralmente associada a um conceito clássico absoluto e atemporal, sendo importante considerar que ele não é o único nem o suficiente para abarcar todo o universo estético na contemporaneidade (PORPINO, 2003).

Como podemos perceber, enquanto o conceito de beleza relaciona-se diretamente a uma concepção marcada fortemente pelos cânones gregos de corpo, existem outros sentidos, formas e possibilidades de enxergar o belo, distantes desses padrões clássicos.

Diante das relações entre corpo, beleza e Educação Física, entendemos que a beleza é construída culturalmente, podendo ser construída, reconstruída e resignificada através de diversas experiências e vivências ao longo do tempo.

A partir desse pensamento investigamos as relações ente corpo, beleza e Educação Física, a partir de alguns questionamentos: Qual a concepção de beleza dos estudantes de Educação Física? Como foi construída a concepção de beleza dos estudantes durante a sua formação? Quais disciplinas, ações, elementos e/ou conceitos proporcionam uma reflexão nas questões relativas à beleza durante a graduação? O que essas disciplinas representaram, quanto à concepção de beleza?

Os objetivos dessa investigação foram: Analisar a concepção de beleza dos estudantes concluintes de Educação Física; identificar elementos, ações, conceitos e experiências que influenciaram a construção da concepção de beleza dos estudantes; refletir a Educação Física como área de conhecimento capaz de difundir sentidos diversos para o corpo e para beleza.

Entendemos que os estudantes de Educação Física podem sofrer influência do modelo de beleza vigente na sociedade, já que eles não estão livres dessa propagação de uma beleza padronizada. Visto que, sendo corpo nos relacionamos, e nele aprendemos os códigos sociais, as normas, as condutas e os comportamentos.

Nessa perspectiva, é importante refletir sobre os múltiplos modelos e interpretações da beleza, a partir da sua relação com a Educação Física, pois esta, enquanto área na qual a estética clássica impera, carece de indagações e reflexões dos modelos vigentes e das formas pelos quais, a beleza é compreendida em seu campo pedagógico, *que não neguem o conceito clássico, mas que possa abarcar outras interpretações do belo* (PORPINO, 2003, p. 155).

Portanto, acreditamos que analisar as concepções de beleza dos estudantes de Educação Física, uma vez que muitos discursos, práticas corporais, diferentes vivências e formações recebidas por esses indivíduos ao longo do tempo, podem influenciar a forma como eles percebem o corpo e a beleza, sendo importante perceber essa construção e possíveis mudanças, neste público durante a graduação, já que esses futuros professores podem permear múltiplos sentidos e interpretações diversas para se contemplar a beleza.

Para produção dos dados do nosso estudo, optamos pelo caráter metodológico a pesquisa descritiva qualitativa, já que *a pesquisa qualitativa é basicamente aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade [...] Trabalhando com descrições, comparações e interpretações* (AMSTEL, 2007, p.2).

Como técnica de análise, escolhemos a Análise de Discurso, essa técnica trata do discurso, da compreensão de como os significados de determinados conceitos e

conteúdos a partir das palavras, promovem sentidos e estabelecem significados para os sujeitos. Em outras palavras, *ela visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está sendo investido de significância para e por sujeito* (ORLANDI, 2007, p. 26).

Buscamos compreender os principais conceitos da teoria do discurso de Michel Foucault, tomando como referencial Rosa Maria Bueno Fischer (2001), na tentativa de nos apropriarmos dos elementos e conceitos dessa análise para a interpretação dos discursos coletados.

Dessa forma, investigamos a concepção de beleza nos estudantes de Educação Física da UFRN, para refletirmos sobre os discursos promovidos acerca de Corpo e de Beleza presentes na área, tendo em vista que, eles muito têm a contribuir nesse campo, ao promover e possibilitar sentidos diversos para o corpo e para beleza em seus discursos e em suas práticas corporais.

O método da amostragem foi intencional, considerando a disponibilidade dos sujeitos. A população composta por 10 estudantes do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, graduandos do último nível, matriculados na disciplina de Monografia. Foram entrevistados 6 homens e 4 mulheres, com faixa etária de 20 a 30 anos, de modo que não levamos em consideração o sexo e faixas etárias, uma vez que a entrevista não se restringia a sexo nem a idade. Todos tiveram conhecimento prévio do estudo a ser desenvolvido e aceitaram colaborar, assinando um *termo de consentimento livre e esclarecido*.

Todas as entrevistas foram realizadas no Departamento do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no mês de Maio de 2008.

Foi aplicada uma entrevista semi-estruturada, com questões relativas à compreensão de corpo e beleza, permitindo ao entrevistado, espontaneidade e liberdade para transcender sobre as perguntas propostas, enriquecendo a investigação. Utilizou-se nessa coleta um aparelho de gravador digital, MP3 player 1g, marca monbeg.

Tendo compreendido o processo discursivo e feita à transcrição, as interpretações dos discursos se apoiaram em 4 subsídios básico segundo o referencial de Fischer (2001): O referente; O sujeito; O campo associado; E, a materialidade específica.

Os discursos foram analisados apoiando-se nos 4 subsídios citados, levando em consideração 3 elementos norteadores para interpretação dos discursos a partir dos questionamentos propostos na pesquisa: Concepção de beleza; O sujeito e suas experiências e Associações com outros discursos.

Dessa forma, foi possível dialogar com os autores, com o intuito de apresentar reflexões das questões relativas ao corpo e à beleza, especialmente no que diz respeito às diferenças corporais e culturais que fazem os indivíduos serem vistos como belos.

CORPO E BELEZA NO DISCURSO DOS ESTUDANTES

A concepção de beleza dos estudantes

Vivemos em um momento histórico distante da ditadura, da escravidão e das repressões, tempos de liberdade em que temos o direito de escolher, ter e ser o que quisermos. Do outro lado, estamos constantemente sendo bombardeados por discursos normatizadores, que estabelecem arquétipos, formas e comportamentos idéias (SILVA, 2001).

Assim, diante de uma vasta liberdade de agir com o corpo na contemporaneidade, somos ao mesmo tempo aprisionados e castrados por normas e condutas estabelecidas pela sociedade, que difundem formas, medidas de uma suposta beleza, que desrespeita as particularidades individuais ao enquadrar e reduzir a beleza a um único modelo de corpo.

Percebemos que a concepção de beleza dos estudantes de Educação Física da UFRN entrevistados, faz relação a uma concepção estética fundada no ideal de beleza, enquadrado na harmonia e proporcionalidade das formas, como mostram os relatos a seguir:

[...] o corpo não pode ser muito magro, não pode ser muito gordo, não pode ser muito forte, não pode ser muito fraco, não pode ser definido demais, mas também ter um pouco de definição, não pode ter muito muita gordura, mas não só músculos (Sujeito 5).

[...] pra mim eu entendo que bonito, a pessoa ser bonita é possuir traços da face proporcional [...] no que está ligado ao corpo é está em proporção, não ser muito magro, nem ser muito gordo (sujeito 1).

Esses discursos nos levam ao entendimento de que o ideal clássico de beleza caracterizado pela harmonia, ordem, proporção e simetria das formas, ainda se apresenta como condição para um corpo ser considerado belo no campo da Educação Física. Dessa forma, faz-se necessário refletir e repensar as relações entre corpo e beleza, numa tentativa de lançar nesses profissionais sentidos diversos para enxergar o belo, frente às diversas possibilidades de modificação corporal e veiculação de um único padrão de beleza a ser seguido.

Podemos observar também uma associação da beleza aos hábitos de higiene, assepsia e saúde corporal:

[...] pra mim eu entendo que a pessoa ser bonita é [...] andar limpo, arrumado, essa questão já dá uma primeira impressão boa (Sujeito 1).

Nesse contexto, podemos perceber no discurso desses sujeitos a influência da Educação Física baseada nos conhecimentos das áreas médicas e biológicas, que marcou fortemente a Educação Física nos anos de 1930 amparadas no pensamento higienista. A educação Física então colaborava para modelar os corpos dos indivíduos, *vinculada à classe médica, favorecia a educação do corpo, tendo como meta a constituição de um físico saudável e equilibrado organicamente, menos suscetível às doenças* (BRASIL, 2000, p. 19).

A concepção de beleza apresentada pelo sujeito 9, também reforça o modelo de beleza valorizado atualmente em nossa sociedade, relacionado à saúde:

O que faz um corpo ser belo? Acredito que é um corpo trabalhado com atividades físicas, que seja de preferência um corpo hipertrofiado, esse é o corpo belo e saudável na minha opinião (sujeito 9).

Verifica-se nesse discurso, que o estudante de Educação Física, é de certa forma, influenciado pelos discursos que associam os modelos estéticos corporais à saúde. Uma vez que, *esses corpos tornam-se referenciais de corpos ideais saudáveis e higiênicos, corpos a serem alcançados nos dias de hoje* (VASCONCELOS, 2005, p. 6).

No entanto, para uma parte dos entrevistados, a concepção de beleza não se reduz ao conceito clássico ou a relação com a saúde. Três estudantes apontaram um entendimento do belo que vai além de um modelo ou um conceito padronizado.

Percebem a beleza a partir das relações entre as experiências vividas com o mundo e com outros corpos; que a beleza não se reduz aos modelos corporais que o discurso midiáticos divulgam como belos, corpos com formas delineadas, sarados; e ainda que, a beleza não é um conceito restrito ou objetivo, como podem ser verificados nos relatos a seguir:

Para mim todos os corpos são belos [...] beleza ta na expressão do corpo [...] de como você usa ele na sociedade [...] de como você interage com os outros corpos (Sujeito 3).

Beleza não é apenas uma questão de estética [...] um conceito objetivo e restrito [...] mas é você se conhecer, você se compreender e aceitar que é daquela forma (Sujeito 7).

Sabemos que cada sociedade, classe social e cultura possui seus corpos e seus referenciais de beleza, uma definição e uma representação difundida para os indivíduos daquilo que se têm como “feio” e “belo”, instituindo maneiras próprias de ver o corpo. Portanto, acerca da beleza, deve-se considerar a história, os laços sociais e culturais que envolvem aquele corpo, pois o que para nós é considerado feio esteticamente, em outras culturas, podem ser traços indiscutíveis de beleza (KEMP, 2005).

A imagem do corpo veiculada dentro de uma sociedade, constrói a forma como os seus integrantes percebem, lidam e vivem com seus corpos e com os corpos dos outros.

Russo (2005) discorre que em qualquer grupo existe uma imagem de corpo que é, portanto um símbolo. Se a imagem dominante, valorizada socialmente for de uma pessoa magra, emagrecer será o ideal de todos.

Diante disso, o conhecimento e os conceitos que temos de corpo, de belo e do corpo belo, são produtos de uma construção histórica e cultural, que influencia e determina a forma como pensamos e classificamos a beleza (KEMP, 2005).

Nesse sentido, o sujeito 8, percebe que a beleza não está relacionada apenas à um conceito ou um modelo de corpo veiculado pelo discurso midiático, como por exemplo, “corpos torneados” e “músculos definidos”, mas à fatores como “atitudes”, “sentimentos”, “a cultura que o indivíduo está inserido” e na “relação com os outros corpos”. O que implica dizer que o seu discurso considera que a beleza não como um

conceito linear e universal, mas a partir das relações e do contexto que nos cercam, como demonstra no seu discurso:

A questão do belo [...] inclui atitudes, sentimentos, cultura dos povos [...] como esse corpo se relaciona (Sujeito 8).

Falar em beleza, também é falar em feiúra, no sentido que, um conceito remete ao outro, haja vista que eles estabelecem uma relação de imanência.

Segundo Feitosa (2004) a beleza se mostra na proporção, no esplendor da ordem, focalizado pela luz e pelo bem, enquanto, o feio, relaciona-se com a desmedida, na instância da assimetria e do excesso, focalizado pela escuridão e pelo mal.

Para o autor citado, esses elementos não se baseiam apenas em critérios de “gosto próprio”, “de agrado” ou “desagrado”, mas pelas influências dos discursos sociais, culturais, morais e temporais que cercam os indivíduos.

A partir dos discursos apresentados sobre a beleza nesse trabalho, podemos perceber que a feiúra não é vista com bons olhos, por ser compreendida como um sinônimo de imperfeição. Nesse sentido, podemos observar que ela está associada a uma dificuldade de lidar com o diferente, conforme podemos evidenciar no discurso abaixo:

Um corpo feio, eu acredito que seja um corpo que tenha sofrido [...] alguma deformação, alguma deficiência [...] (Sujeito 6).

De outro modo, o feio pode está relacionado à ausência de cuidados com o próprio corpo, como evidencia o relato abaixo:

O feio é a pessoa que não apresenta vaidade, nem cuidados com si próprio, é relapso [...] não tem uma boa alimentação e não tem hábitos saudáveis [...] (Sujeito 9).

Dessa forma, para além do belo e do feio, é preciso aprender a conviver com as diferenças corporais que marcam as singularidades de cada indivíduo. Se precisamos ser belos, corroboro com Feitosa (2004) que também precisamos deixar a feiúra ser! No entanto, não se trata aqui de conceituar o belo e o feio, mas abarcar sentidos e possibilidades para se conviver com eles, não apenas nos outros, mas também em nós.

A construção da concepção de beleza durante a formação

A concepção de beleza é influenciada e (re) construída pelos discursos que nos rodeiam, como por exemplo, ambiente familiar, mercado de trabalho, discurso midiático, dentre outros. Dessa forma, quando indagados sobre “as influências na concepção de beleza durante a formação” dos estudantes de Educação Física, percebemos que a família ocupa um papel importante nesse contexto, uma vez que

muitos afirmam o ambiente familiar como um potencializador nessa concepção, como mostra o seguinte relato:

[...] Quando eu falo esse conceito de beleza, eu aprendi com a minha mãe [...] então vem muito disso do corpo belo da minha situação familiar entendeu? [...] Eu acho que foi a minha família, criação mesmo, primordialmente lógico né! (Sujeito 10).

Do mesmo modo, observamos que a Educação Física imbuída do referencial das áreas da saúde, bem como a mídia, tem influenciado os discursos da beleza dos estudantes entrevistados ao associar a beleza a hábitos saudáveis e a aptidão física:

Fui influenciada ao vê pessoas saudáveis, como por exemplo, atletas né, pessoas que tem hábitos saudáveis, que tem aptidão física, transparece saúde, que tem uma performance, que atingem objetivos, uma pessoa que aparenta essa vivência assim de um corpo belo (Sujeito 9).

O modelo de beleza associado a um padrão corporal tem marcado fortemente a sociedade ao associar beleza corporal também à competência profissional. Dessa maneira, não apenas no contexto profissional da Educação Física as pessoas sofrem influência do modelo de corpo vigente, mas nas demais áreas há uma influência de manter-se sempre esbelto, livre de gorduras, sarado (ADAMI; FRAINER; DE-OLIVEIRA, 2005), conforme afirma o sujeito 7:

Se você for nessas lojas de grife, meu amigo você não encontra menina feia não ali [risos], não encontra não, é critério né! (Sujeito 7).

Percebemos também, que as próprias experiências dos indivíduos são elementos influenciadores em suas concepções de beleza, muitas vezes por ampliar seus conceitos de beleza ou mesmo, por não se adequarem corporalmente ao modelo de beleza vigente na sociedade, principalmente como estudantes de Educação Física. Transparece nesse caso certa exigência que a sociedade exalta com relação aos modelos de corpo e saúde, que se refletem nos professores de Educação Física que trabalha diretamente com o corpo, isto pode ser verificado nos relatos a seguir:

Fui influenciado pelo meu próprio corpo, porque assim, eu sou uma pessoa gorda, e sempre fui, principalmente quando eu entrei no curso de Educação Física [...] as críticas que recebi no curso me levaram a pensar (Sujeito 2).

Depois que eu entrei na graduação [...] boa parte dos rapazes são forte, bombados né [...] eu sou totalmente diferente (Sujeito 7).

Dessa forma, a partir dos discursos dos sujeitos, podemos perceber que os professores de Educação Física nesse caso parecem ser avaliados pela boa forma física, como se o corpo deles funcionasse como espécie de “currículo”, selo de qualidade, como se fosse possível associar a boa forma corporal à qualidade profissional (PALMA; ASSIS, 2005).

Dessa forma, a sociedade ao compreender a Educação Física apenas sob o viés das ciências médicas, compreende que os professores de Educação Física devem moldar seus corpos de acordo com os modelos de beleza vigente, despertando em muitos deles a fantasia de terem corpos adequados para servirem de estímulos aos alunos, ou mesmo, como relação de sua competência e seu conhecimento profissional, como podemos observar a crítica do sujeito 7 em relação ao corpo de alguns estudantes do curso em vários discursos:

[...] os alunos que fazem o curso de Educação Física, eu percebo [...] boa parte mesmo são rapazes fortes, bombados né [...] há essa preocupação do alunado [...] se ele não for forte, conseqüentemente ele vai fazer musculação, claro por uma boa causa, mas eu acho que a influência externa é maior [...] (Sujeito 7).

[...] vão perceber que você é um professor de Educação Física, por você ser forte [...] de certa forma exigem também, porque se você for a uma academia dificilmente você vai ver professores que não são bombados, todos são (Sujeito 9).

A influência da formação acadêmica

Se olharmos uma mesma cultura ao passar dos anos, vamos perceber que os padrões corporais vão sendo criados e recriados, definindo e difundindo o ideal da beleza corporal do grupo em cada época.

Temos que lembrar que um corpo dito “ideal” hoje, pode ser transformado em inadequado, feio ou fora dos padrões estéticos de beleza a partir das contínuas mudanças de tendências em uma cultura ou sociedade, sendo evidente que os modelos de beleza em evidência divergem em épocas distintas pelas necessidades humanas (PORPINO, 2003).

STENZEL (2003) e KEMP (2005) afirmam que esse conceito não é universal, nem estático, ele varia em uma mesma sociedade ao longo do tempo. À medida que o

tempo passa, ele muda e vai sendo mudado, e o que era considerado bonito no passado, já não é visto da mesma forma nos dias atuais.

Neste contexto, se olharmos as diferentes culturas, ou mesmo uma mesma cultura em diferentes épocas, iremos perceber que o ideal de beleza não deve ser único, pois o corpo e o belo modificam, são (re) criados, como bem enfatiza:

Basta olharmos os múltiplos corpos que transitam e confundem-se nas ruas dos grandes centros urbanos para vermos como são diversos os aspectos culturais que levam determinadas pessoas a serem vistas como belas (PORPINO, 2003, p. 152).

Vigarello (2006) discorre que a beleza dentro de uma cultura muda por abarcar as grandes dinâmicas, rupturas e conflitos de geração, modificando o próprio “gênero” de beleza em um grupo.

A noção de beleza e a beleza do corpo não são eternas dentro de uma cultura, elas são variáveis e mutáveis, já que as relações sociais que nos rodeiam também se modificam. O que implica dizer que, a forma como olhamos, lidamos e julgamos o corpo, não depende somente das relações sociais que nos cercam, mas também, da época e do contexto em que vivemos. De maneira que o padrão corporal e a forma de modificação corporal vão variar de cultura para cultura, bem como, conforme o momento histórico de uma sociedade.

Nesse sentido, entendemos os modelos de beleza vigentes na sociedade, às inúmeras possibilidades, técnicas e meios para modificação e (re) construção corporal, os diferentes conceitos de beleza presentes em culturas diversas, como elemento significativo para refletir sobre o conhecimento da Educação Física, como área capaz de difundir outros valores e sentidos para a beleza, além dos modelos veiculados na sociedade.

Desse modo quando indagamos acerca da possível modificação na concepção de beleza dos estudantes durante a graduação, percebemos que dos 10 alunos entrevistados, 8 afirmam ter tido uma modificação significativa acerca da beleza durante o tempo de formação acadêmica, uma vez que grande parte, compreendiam a beleza a partir dos modelos estéticos vigentes na sociedade e a partir da graduação começaram a questionar esse modelo. Nos discursos dos alunos, constatamos a influência dos modelos estéticos veiculados e visão que os alunos têm hoje:

[...] não vejo mais como o belo aquilo que é cultuado como beleza pela mídia não [...] (Sujeito 4).

Antes do curso eu cultuava mais o corpo [...] (Sujeito 9).

De outro modo, passou-se para uma compreensão da beleza que vai além de corpos que estejam semelhantes aos padrões de beleza, compreendendo-a atualmente, a partir de outros significados, que se contrapõem a esses modelos vigentes. O que nos

demonstra a importância dos discursos acerca do corpo e da beleza na formação acadêmica desses sujeitos, conforme demonstram alguns relatos:

Hoje eu penso diferente [...] pra mim beleza hoje tem outros significados [...] independente de seu corpo seguir ou não os padrões que toda sociedade vamos dizer assim, cultura (Sujeito 4).

Hoje tenho a visão do todo [...] buscar uma qualidade de vida mais saudável, não é buscar aquele objetivo de você ficar totalmente musculosa, mas apresentar uma vida mais saudável e duradoura pra o resto da vida (Sujeito 9).

Os alunos que afirmaram ter tido uma modificação significativa acerca da beleza durante a graduação, foram indagados quanto às influências que contribuíram para essa modificação. Muitos foram os elementos atribuídos, como por exemplo, a turma:

Acho que minha turma, por vários tipos de casos que a gente teve [...] uma turma extremamente mista [...] a gente teve que entender isso (Sujeito 2).

Na opinião de alguns entrevistados, o posicionamento de alguns professores, também, foi significativo para essa modificação:

Acho que o posicionamento dos professores influencia [...] porque eles defendem o que eles acreditam [...] e dependendo do argumento deles você vai concordar ou discordar e eu acabei concordando [...] não todos [...] mas alguns professores né, pelo conhecimento que eu percebo que tem, pelo empenho que tem e a dedicação (Sujeito 4).

Outros elementos significativos proporcionaram mudanças como: leituras, reflexões, diálogos e vivências acerca do corpo e da beleza durante o curso, realizadas em algumas disciplinas, com intensa incidência para as discussões realizadas nas disciplinas Atividade Física em Academia, Ginástica Rítmica e Consciência Corporal, que apontam outra compreensão para o corpo, além do conhecimento das áreas médicas e biológicas, para um processo de conscientização desafiador para área de Educação Física, refletindo acerca dos valores que permeiam a concepção de corpo, segundo Nóbrega (2005) de objeto a sujeito do movimento.

Essas disciplinas segundo os entrevistados, proporcionam pensar sobre as questões do corpo e da beleza de maneira mais crítica, questionando os padrões vigentes e apontando diversos sentidos para se pensar nas singularidades corporais, apresentando

um sentido “descobridor” e conscientizador do corpo em suas leituras, seminários e vivências, como mostram os relatos:

Atividades Físicas em Academia, a gente teve a oportunidade de discutir o corpo, a gente pode demonstrar a nossa opinião e através das leituras, aí eu tive oportunidade de modificar ainda mais esses conceitos (Sujeito 10).

GR foi uma disciplina que contribuiu, porque houve uma discussão bem acentuada na disciplina tratando a questão do corpo das atletas [...] o padrão foi questionado (Sujeito 4).

Consciência Corporal foi fundamental [...] leva a outros horizontes [...] perceber não só o físico, não só a beleza, não só a forma, mas uma série de fatores [...] alguns elementos mais profundos [...] que vai modificar completamente a relação da beleza (Sujeito 8).

Podemos observar que a Educação Física, pode contribuir na divulgação de outros valores acerca do corpo e da beleza para além de um único modelo de corpo *belo*, através de discursos e intervenções em suas práticas corporais, possibilitando novas sensações, diferentes enfoques e outros sentidos nas questões relativas ao corpo. Abrindo reflexões capazes de transformar os sentidos da beleza e da estética, já que *questionar os sentidos da estética pode despertar a chave de modificá-los* (SANT’ANNA, 2001, P.109).

EDUCAÇÃO FÍSICA – PARA UM DISCURSO MAIS BELO

Em nosso planeta existe uma imensa diversidade de culturas, portanto, hábitos e relações sociais diferentes. Entendemos que em cada lugar o ser humano desenvolve um olhar diferente para o corpo e para beleza. De modo que não podemos definir qual deles é “melhor” ou “pior”, “mais belo” ou “mais feio”, *já que ao tratar de cultura, tudo é relativo* (KEMP, 2005, p.34).

No entanto, devido à forma de organização das sociedades e a ampliação dos meios de comunicação, na contemporaneidade tem ocorrido uma homogeneidade no conceito de beleza, o que sugere que podemos (com) partilhar traços de beleza de outras culturas.

A Educação Física, tendo como conteúdos o esporte, as lutas, a dança, os jogos e a ginástica, a partir de um ato educacional com apropriações crítica e criativa dos alunos, é capaz de proporcionar experiências arrebatadoras e significativas, através de leituras, diálogos, reflexões e vivências corporais, trazendo sentidos e olhares para o corpo e para beleza, além das vertentes biologicista e mecanicistas. Destacamos aqui o referencial das Ciências Humanas e Ciências Sociais que passaram a permear o âmbito acadêmico da Educação Física nos anos 80, resignificando a compreensão de corpo,

trazendo um olhar sensível e cheios de sentidos para o corpo, *não como instrumento ou objeto, mas como corpo-sujeito, síntese da nossa presença no mundo* (NÓBREGA, 2005, p. 52).

Tudo que sentimos, vivemos ou percebemos, é sentido, vivido e percebido em nós mesmos, ou seja, em nosso corpo. E, assumi-lo frente as suas desordens, angústias, devaneios, vislumbres e experiências vividas e trocadas com o mundo, diante das normas, condutas e imposições, ao qual somos em todo tempo impelidos a vigiar e punir o corpo é um desafio constante, já que eu só *tenho consciência de meu corpo através do mundo ... e só ... tenho consciência do mundo devido meu corpo...* (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 95).

Dessa forma, a tarefa dos professores de Educação Física é delicada e complexa, pois ao lidar com os indivíduos, lida com os corpos, e os corpos nunca se repetem, nunca são iguais. Por isso, eles são levados e desafiados a um processo de escuta, sensibilidade e interpretações constantes nas relações que envolvem o seu corpo e o corpo do outro, uma vez que *cada corpo tem seu tempo, a sua história, os seus desejos. É preciso ouvi-los, tocá-los, percebê-los em si e em comunicação com os outros corpos* (NÓBREGA, 2002, p.2).

Dessa maneira, a Educação Física pode contribuir para um olhar crítico frente aos valores que permeiam a sociedade, frente as constantes mudanças nos conceitos de beleza, possibilitando outros sentidos nas questões relativas ao corpo, a estética. Nessa perspectiva poderá questionar os sacrifícios e as formas de modificação corporal, que os indivíduos submetem-se, para se adequarem ao modelo de beleza vigente na sociedade.

Tendo em vista que a sociedade pode influenciar de maneira significativa a visão de corpo e de beleza. É necessário que a Educação Física como área de conhecimento que se relaciona com essas questões, possibilite intervenções numa perspectiva crítica, tendo como referências a necessidade de produzir diversos olhares para a beleza, para além do conceito clássico imposto como modelo na sociedade.

Nesse sentido, essa intervenção não significa que tenhamos que desprezar ou refutar os conhecimentos oriundos das áreas médicas e biológicas do corpo, mas propor outros conhecimentos, entendimentos e experiências que possam dar início a uma postura crítica frente aos modelos de beleza vigentes.

Para tanto, entendemos que a formação acadêmica, possui papel fundamental para que esses discursos cheguem até as escolas e aos demais espaços de atuação dos professores de Educação Física. Uma vez que, durante a graduação ao lidar com as questões concernentes da área, como por exemplo, corpo, cultura, saúde, movimento, rendimento e estética, são necessários, diálogos e reflexões acerca dessas questões, a fim de produzir indivíduos e profissionais críticos frente aos sentidos corporais que permeiam na sociedade, uma vez que *é a consciência crítica que nos permite romper com as condições petrificadas ideologicamente* (GONÇALVES, 1994).

Entendemos que durante a graduação, os docentes não podem reduzir o seu ensino apenas aos conceitos das áreas da saúde, médicas, fisiológicas, desportivas, nem tão pouco romper com estes, haja vista que eles são necessários para nossa formação. É preciso, considerar que tais referenciais não são suficientes para compreensão do corpo na contemporaneidade.

Nesse contexto, compreendemos que a Educação Física a partir dos campos pedagógicos no ensino superior, tendo em vista que é nesse período que os futuros profissionais estão sendo habilitados para exercerem a profissão, os conhecimentos *não podem ser reduzidos a contemplar e divulgar um único modelo de beleza, já que são*

múltiplas as interpretações da beleza criadas na história que podem ser revividas e resignificadas (PORPINO, 2003, p. 157).

Dessa forma, corpo e beleza como campos de reflexões e intervenções sociais, possuem múltiplos significados que variam ao longo do tempo, fazendo com que um indivíduo nunca seja considerado totalmente belo, ou seja, belo em absoluto, mas de forma relativa, já que esse conceito varia ao longo do tempo e das culturas, sendo possível perceber essas transformações temporais e coletivas que constituem as concepções de beleza das pessoas.

Os profissionais da área na medida em que ampliam os significados de corpo e de beleza, a partir dos múltiplos sentidos para se enxergar a beleza, é capaz de produzir diferentes significados para os indivíduos, ao considerar e respeitar as diferenças que são reveladas nas expressões de cada corpo.

Destarte, essa é uma arte delicada e complexa, no entanto muito bela! Como artistas que se relacionam com múltiplas belezas, interpretando-as, cria obras tão lindas que jamais serão confundidas, esquecidas. De tal modo, os professores de Educação Física ao se relacionar com os diferentes corpos, possibilitem momentos, experiências e descobertas corporais arrebatadoras e belas.

ORQUESTRADORES DO DISCURSO

ADAMI, Fernando; FRAINER, Deivis; DE-OLIVEIRA, Fernando. Satisfação com a silhueta corporal e nível de atividade física em estudantes de Educação Física. IN: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Anais. RS: Porto Alegre, 2005.

AMSTEL, Frederick Van. Como fazer uma pesquisa qualitativa. Disponível em: http://usabilidoido.com.br/como_fazer_uma_pesquisa_qualitativa.html. Acesso em 22 ago. 2007.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Educação física/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 2000.

FEITOSA, Charles. Explicando filosofia com arte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault a análise do discurso em Educação. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, novembro, 2001.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Sentir, pensar, agir – Corporeidade e educação. Campinas, SP: Papirus, 1994.

KEMP, Kênia. Corpo Modificado: Corpo livre?. São Paulo: Paulus, 2005.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corporeidade e Educação Física – do corpo objeto ao corpo sujeito. 2º ed. Natal: EDUFRN, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro, Livraria Freitas, 1987.

ORLANDI, Eni. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PALMA, Alexandre; ASSIS, Monique. Uso de esteróides anabólicos-androgênicos e aceleradores metabólicos entre professores de Educação Física que atuam em academias de ginástica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v.27, n.1, p. 75-92, set., 2005.

PORPINO, Karenine de Oliveira. Interfaces entre Corpo e Estética: (re)desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na Educação Física. In: LUCENA, Ricardo;

- SOUZA, Edílson (Org.). Educação Física, esporte e sociedade. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 145-160.
- RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. Movimento & Percepção, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, jan./jun. 2005.
- SANTA' ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- STENZEL, Lúcia Marques. Obesidade: o peso da exclusão. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- SILVA, Ana Márcia. Corpo, Ciência e Mercado: reflexões a cerca da gestação de um novo tipo arquétipo da felicidade. Campinas, São Paulo: Editores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.].
- VASCONCELOS, Renata Veloso. Representações sobre o papel do corpo feminino: o discurso de praticantes de atividade física. IN: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Anais. RS: Porto Alegre, 2005.
- VIGARELLO, Georges. A história da beleza; tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ENDEREÇOS:

Liege Monique Filgueiras da Silva
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRN)
Rua 25 de Março, 162, Quintas.
Natal – RN CEP: 59.035-310
E-mail: silvaliege@yahoo.com.br

Karenine de Oliveira Porpino
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Rua das Algarobas, 1415, casa 45.
Natal – RN CEP: 59.067-500
E-mail: karenine@supercabo.com.br

Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento

Formato de apresentação do trabalho: comunicação oral
Tecnologia de apresentação: Datashow